

## Experiência Visitada: Casa Rosa Mulher – AC

O Programa Conexão Local Interuniversitário aconteceu pela primeira vez comigo. Foi na realidade um feliz imprevisto que ocorreu na época, pois a minha dupla da GV não pode ir de última hora devido a um programa de bolsa que estava concorrendo na faculdade junto com uma empresa privada. Ao saber disso, os professores foram rápidos e hábeis para solucionar o problema e entraram em contato com a Universidade Federal do Acre, onde eles decidiram fazer um processo seletivo com os alunos de lá para saber quem poderia ser a minha dupla.

Em nenhum momento fiquei com medo ou apreensiva de ir sozinha, pelo contrário, estava curiosa para saber quem seria a minha dupla. Seria a primeira vez que teria a oportunidade de trabalhar em conjunto com alguém de outra faculdade e universidade, bem como cidade. A troca eu tinha certeza que poderia ser muito rica, assim como foi.

A Priscilla, que foi a minha dupla, era estudante de ciências sociais na UFCA, e era assistente social de um programa que trabalhava a questão da violência infantil em Rio Branco. Ela tinha muita coisa para me contar e ensinar daquela realidade desconhecida para mim. E da mesma forma eu tinha também conhecimentos e percepções diferentes da dela que fez com que tivéssemos uma interação muito boa!

Quando nós alunos da GV saímos a campo pela primeira vez, por mais que exista uma preparação na forma de abordar as pessoas que iremos entrevistar, no meu caso era muito mais delicado, por se tratar de uma questão muito íntima de um ambiente privado. Eu não sabia como abordar, e me lembro que eu pedi para a Priscilla iniciar as perguntas, já que ela trabalhava nesse meio. Assim eu sentiria o tom e as escolhas das palavras a serem ditas às mulheres violentadas que foram entrevistadas.

O prof. Fernando Burgos também foi de excelente postura, conduta e assistência no trabalho. Com certeza o fato de ele ter ido comigo e validar o trabalho que eu e Priscilla iríamos desenvolver nos principais órgãos públicos foi essencial como abertura de portas para nós. Além disso, alguns questionamentos mais maduros e de uma pessoa que já tinha uma experiência de campo contribuiu muito para a investigação e análise da experiência.

Outra parte interessante do projeto foi a Priscilla vir para São Paulo e visitamos experiências semelhantes em Santos e em Campinas, onde conseguimos fazer uma comparação e estudar diferentes níveis de desenvolvimento de cada um dos trabalhos dentro da mesma temática.

Eu gostei muito desse trabalho e experiência que tive. Foi a primeira vez que pude sentir um Brasil diferente estando sozinha, longe de amigos e pais, podendo, assim, perceber de fato

---

outras realidades que existem não apenas lá, mas como aqui também, porém ignoradas por grande parte da população. O trabalho com certeza me amadureceu como pessoa e me fez ter questionamentos mais profundos que antes. Foi uma porta que se abriu onde eu pude experimentar um trabalho fora da FGV, sem uma tendência única de pensamento. Hoje, com 25 anos, eu vejo o quão essencial essa experiência foi para mim, principalmente no meu modo de ver os problemas e realidades, pois tirou qualquer tipo de preconceito, e passei a analisar problemas e lidar com pessoas partindo do pressuposto que ninguém tem o mesmo referencial que eu tenho e vice-versa. Todos nós vivemos e somos criados de forma diferente, e por isso agimos diferente. Acredito que essa experiência proporcionou um maior espaço de diálogo e questionamento em tudo o que eu faço. De certa forma, ela me formou como pessoa.

---